RUMO A UM CAMINHO MAIS SUAVE?

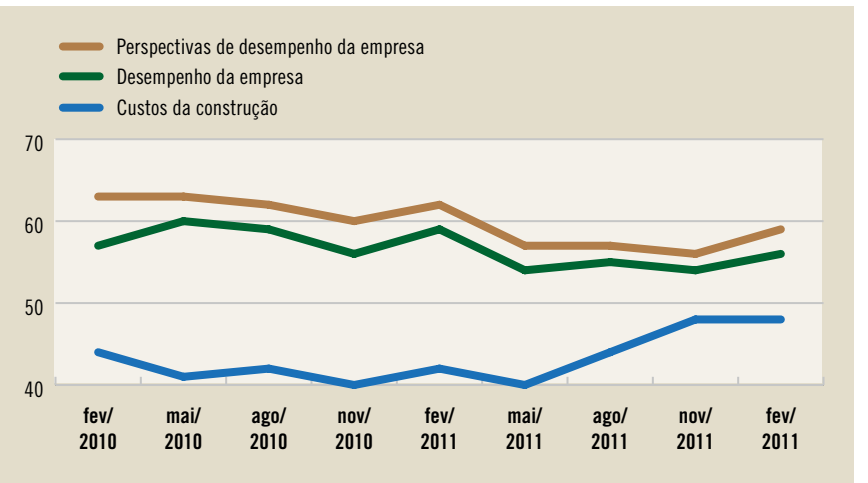
Sondagem SindusCon-SP-FGV/Ibre de fevereiro indica uma trajetória mais equilibrada de crescimento, com menor inflação

Robson Gonçalves e Ana Maria Castelo

DEPOIS do forte crescimento de 2010, a busca de um ritmo mais equilibrado despontou como o maior desafio para as empresas da construção no ano passado, que apresentou um cenário de crescimento em meio a diversas pressões e incertezas quanto às repercussões da crise financeira internacional. Houve uma redução na atividade, o que pode ser percebido em vários indicadores, inclusive no ânimo do empresário. A Sondagem Conjuntural da Indústria da Construção, do **SindusCon-SP** e da **FGV/Ibre**, mostrou a mudança na dinâmica setorial: em 2011, houve uma diminuição nos indicadores de desempenho das empresas e de perspectivas para os meses seguintes, embora tenham se mantido sempre acima da linha do pessimismo. Os resultados desta primeira Sondagem de 2012, realizada em fevereiro, sugerem em seu conjunto que a fase mais severa desse ajuste está ficando para trás.

Na avaliação do empresário da construção, destacam-se as perspectivas de inflação reduzida. De fato, depois de quase ultrapassar o teto da meta de inflação, o IPCA deve registrar elevação menor em 2012, ainda que não retorne para o centro da meta, de 4,5%. Em paralelo, o empresário da construção se mantém pessimista em relação às perspectivas de crescimento econômico. Na comparação com o último trimestre de 2011, o indicador registrou evolução favorável, o que encontra respaldo nas projeções de crescimento um pouco maiores para economia em 2012.

Resultados indicam melhora do cenário



	BRASIL			SÃO PAULO		
		variação (%)			variação (%)	
	fev/12	nov/11	fev/11	fev/12	nov/11	fev/11
Desempenho da empresa	55,7	4%	-5%	55,7	5%	-4%
Dificuldades financeiras	50,1	-7%	-7%	49,9	-9%	-10%
Perspectivas de desempenho	59,3	6%	-4%	59,2	6%	-3%
Perspectivas de evolução dos custos	47,7	-1%	14%	47,1	-4%	9%
Condução da política econômica	52,8	5%	1%	52,4	2%	2%
Inflação reduzida	50,6	25%	36%	52,2	30%	38%
Crescimento econômico	49,3	2%	-16%	49,0	0%	-16%

Fonte: **SindusCon-SP** e FGV/Ibre

Como ler os resultados: Os dados se referem a expectativas dos empresários da construção. Estão dispostos numa escala que vai de 0 a 100, tendo o valor 50 como centro. Isso quer dizer que valores abaixo de 50 podem ser interpretados como um desempenho, ou perspectiva, não favorável. No caso de "Dificuldades financeiras", no entanto, valores abaixo de 50 significam dificuldades menores.

Recuperação

Na comparação com a Sondagem anterior, realizada em novembro, os indicadores de desempenho das empresas apresentaram melhora discreta. Um dos componentes do indicador que contribuiu para o resultado foi o emprego. A pesquisa de emprego **FGV/SindusCon-SP**, realizada com dados do Ministério do Trabalho e Emprego mostrou que, em janeiro, o setor gerou 50.900 postos de trabalho. O aumento de janeiro não recompõe totalmente as perdas dos dois últimos meses de 2011, mas é 21% superior ao observado no mesmo período do ano passado. O resultado da Sondagem indica que o movimento de contratação deve prosseguir em fevereiro.

A despeito dessa melhora, é possível notar que os indicadores de desempenho das empresas em fevereiro ainda continuam em leve desvantagem na comparação anual. No entanto, deve-se lembrar que o ambiente econômico em fevereiro de 2011 era bastante distinto, pois o setor ainda se encontrava sob os efeitos da euforia de 2010.

O indicador de dificuldades financeiras registrou melhora importante tanto na comparação com o trimestre anterior quanto na comparação com o mesmo período de 2011, sinalizando que mesmo com o cenário externo ainda bastante incerto, as empresas estão encontrando condições melhores de acesso a financiamento, um movimento que está relacionado à mudança na política de juros interna e ao fato de que, ao contrário da crise de 2008, dessa vez os bancos mantiveram as linhas de crédito para as empresas. É importante notar que se trata dos recursos obtidos pelas construtoras para financiamento de capital de giro – a pesquisa não trata do financiamento à produção e aquisição de imóveis. Os números divulgados em fevereiro pelo Banco Central mostram que os recursos para financiamento habitacional continuam em forte expansão. Em janeiro, o crédito habitacional para pessoa física atingiu R$ 205,8 bilhões, o que representou 5,0% do PIB, um aumento de 1,3 ponto percentual na comparação com janeiro de 2011.

Custos

Por outro lado, a contrapartida do desempenho melhor e, em especial do aumento do número de empregados pelas empresas, é o recrudescimento das dificuldades de obtenção de mão de obra e o efeito sobre os custos setoriais, que voltam a pressionar a rentabilidade das empresas. Na comparação com o final de 2011, houve uma ligeira melhora no indicador que avalia as perspectivas de evolução dos custos, mas em relação a fevereiro de 2011 houve uma deterioração acentuada.

Em 2011, O INCC-M, que acompanha os custos de construção em sete capitais do país, fechou o ano de 2011 com alta de 7,58%, exatamente a mesma taxa de 2010. Vale notar que o resultado é superior ao do IGP, que registrou aumento de 5,10%. Além disso, apesar do resultado global similar ao de 2010, a composição foi diferente. Ao longo de 2011, houve uma aceleração maior dos custos com mão de obra, enquanto os custos com materiais registraram taxa de crescimento abaixo da observada no ano anterior.

O grupo mão de obra apresentou alta acumulada no ano de 10,72%, respondendo por cerca de 70% da elevação do INCC-M em 2011, ou seja, pelo terceiro ano consecutivo, foi o componente que mais pressionou os custos de construção. Com a sinalização de crescimento continuado no emprego, esse quadro não deve mudar em 2012: os custos com mão de obra deverão continuar pressionando a rentabilidade das empresas, o que explica o pessimismo dos empresários. Em fevereiro, o INCC-M mão de obra registrou elevação de 11,79% no acumulado de 12 meses, contra alta de 3,43% do IGP-M.

Por outro lado, deve ser ressaltada a evolução mais favorável dos preços do grupo dos materiais e equipamentos, que têm registrado taxas abaixo do IGP e alcançou o final de 2011 com elevação de 4,19%, atuando como importante contraponto a maior pressão dos custos com mão de obra.

Perspectivas

A melhora na situação presente das empresas contribuiu também para a formulação de expectativas mais positivas para os próximos meses. O indicador de perspectivas registrou elevação – a maior taxa desde novembro de 2009 – na comparação com a última pesquisa de 2011. Por ser a primeira pesquisa de 2012, o indicador de perspectivas para os próximos meses confunde-se em certa medida com os ânimos para o ano como um todo. Assim, a pesquisa mostra que os empresários estão com esperanças renovadas, mas ainda em patamar inferior ao observado no início de 2011.

Essa melhora de percepção do empresário pode estar relacionada à sinalização dada pelo governo de retomada dos investimentos em infraestrutura e da contratação do programa Minha Casa, Minha Vida.

Vistos em conjunto, esses números deixam claro que a desaceleração do ritmo de crescimento do setor com relação ao pico de 2010 parece preocupar menos os empresários da construção. O otimismo é moderado, mas se estende por quase todas as dimensões da Sondagem. Esse fato confirma que o receio de uma desaceleração excessiva está sendo superado.

Crescimento menor

Os números do IBGE para o PIB refletem a razão do pessimismo do empresário com o crescimento da economia em 2011. Depois de crescer 1,5% no primeiro semestre do ano na comparação com os seis meses anteriores, a atividade registrou uma freada grande, e o PIB brasileiro registrou alta de apenas 0,35% no segundo semestre, comparado ao período anterior e livre de influências sazonais. A boa notícia veio do fato de que a economia terminou o ano com crescimento.

O investimento também voltou a crescer nos últimos meses do ano e atingiu 19,3% do PIB em 2011, acusando um pequeno recuo na comparação com o resultado de 2010, de 19,5%.

Com esse resultado, o PIB fechou 2011 com alta de 2,7%, muito distante do registrado em 2010, quando o PIB avançou 7,5%.

O PIB da construção civil teve alta de 3,6% no ano. É importante destacar, no entanto, que a metodologia adotada para a estimativa do desempenho do setor acaba refletindo, sobretudo, o desempenho da indústria de materiais de construção, cujo crescimento em 2011 ficou aquém do registrado na ponta da cadeia produtiva, isto é, na atividade das construtoras.